

Capitão foi avisado mas nunca pensou ser detido

Corrupção nas messes da Força Aérea existia há anos

JULGAMENTO O capitão Orlando Pinheiro, gerente da messe do Centro de Formação Militar e Técnica da Força Aérea, na Ota, Alenquer, teve oportunidade de fazer desaparecer os envelopes com o dinheiro que os militares ganhavam com o esquema de sobrefaturação implementado há anos naquele refeitório, mas não o fez porque, apesar de ter sido avisado uma semana antes de ser preso sobre a investigação em curso, não pensou que houvesse buscas e detenções.

“Nunca me passou pela cabeça ser detido”, afirmou ontem, em tribunal, Orlando Pinheiro, que geriu a messe entre 2014 e novembro de 2016, quando foi detido e sujeito a prisão preventiva. Disse ainda que uma parte da quantia, recebida dos fornecedores, seria recolhida pelo capitão Luís Oliveira, e que este a entregaria aos restantes membros do Departamento de Abastecimento e Transportes (DAT). Em causa estariam 500 euros mensais.

Pinheiro é o segundo oficial a atribuir, em julgamento, aquele papel ao capitão Oliveira, também arguido. O major Rogério Martinho, antigo responsável pela messe da Base Aérea de Monte Real, fora o primeiro a fazê-lo. A estrutura era chefiada pelo major-general Raul Milhais Carvalho, hoje na reserva, e que, para o Ministério Público, seria o “cabeçilha” de esquema.

Ao todo, o processo conta com 68 arguidos, 30 dos quais militares. Pela sobrefaturação na aquisição de alimentos e outras matérias-primas, os militares receberiam dinheiro e presentes dos fornecedores que, por sua vez, ficariam com uma percentagem do lucro obtido com a diferença entre os produtos faturados e os efetivamente adquiridos. ● INÊS BANHA